

## Sequência didática

---

### Apresentação

**Nome da sequência:** O meu bairro

**Contexto:** estratégias para trabalhar a coesão e a coerência textual em textos narrativos

**Anos de escolaridade:** 9.º ano

**Duração estimada:** 130 minutos (90 min. + 45min.)

**Domínios foco:** Escrita, Oralidade

**Competências:** Compreensão do oral; Expressão oral; Leitura; Escrita; CEL/Gramática

**Resultados esperados no final da sequência:**

- explicitar aspetos de (in)coerência textual em textos narrativos, quer a nível microestrutural, quer a nível macroestrutural

## Roteiro para *O meu bairro*

### Atividade 1. Leitura

#### Competência: *Leitura*

#### Resultados esperados

Ler de forma fluente, apreendendo o sentido global de textos com diferentes intencionalidades e registos.

#### Descritores de desempenho

#### Ler para construir conhecimento(s)

- ✓ Definir uma intenção, seguir uma orientação e seleccionar um percurso de leitura adequado.
- ✓ Interpretar textos com diferentes graus de complexidade, articulando os sentidos com a sua finalidade, os contextos e a intenção do autor:
  - fazer inferências e deduções.

#### Conhecimentos prévios

Os alunos já interpretam textos narrativos.

#### Guião para o professor

Nesta atividade o professor lê em voz alta o texto «História sem palavras» de forma fluente (Anexo 1), permitindo aos alunos apreender o sentido global do texto. A seguir, o professor explica aos alunos que devem mobilizar toda a informação presente no texto e estabelecer relações de coesão e coerência entre essa informação e as palavras em falta, de modo a obterem um texto final coeso e coerente.

#### Tarefas

1. O professor indica aos alunos o objetivo da atividade e entrega-lhes o texto (que deverá ter margens que permitam registar observações), para estes seguirem a leitura, sublinharem as palavras que desconhecem e questionarem o professor sobre alguma situação que lhes suscite dúvidas.
2. Posteriormente, o professor recolhe o texto inicial e entrega uma versão a que faltam formas verbais específicas (Anexo 2). Os alunos têm de as descobrir para o completarem.
3. No final, é feita a correção com os alunos e discutidas as diferentes possibilidades de resposta que tenham surgido, em função da sua pertinência no contexto de cada frase e do texto.

### Atividade 2. Escrita

#### Competência: *Escrita*

#### Resultados Esperados

Produzir textos em português padrão, recorrendo a vocabulário diversificado e estruturas gramaticais com complexidade sintática, manifestando domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão textuais e aplicando corretamente regras de ortografia e pontuação.

#### Descritores de desempenho

### Escrever para construir e expressar conhecimento(s)

- ✓ Selecionar tipos e formatos de textos adequados a intencionalidades e contextos específicos:
  - narrativos (reais ou ficcionais);
- ✓ Redigir textos coerentes, selecionando registos e recursos verbais adequados:
  - ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto;
  - diversificar o vocabulário e as estruturas utilizadas nos textos, com recurso ao português-padrão.
  - respeitar as regras da pontuação e sinais auxiliares da escrita.

### Conhecimentos prévios

Os alunos já planificam a escrita respeitando as regras do texto narrativo; redigem textos respeitando regras gramaticais, nomeadamente de concordância e de pontuação.

### Guião para o professor

Esta atividade procura desenvolver a criatividade na escrita, trabalhando a coesão e a coerência. Partindo da crónica «História sem palavras» (Anexo 1), pretende-se que os alunos melhorem o seu desempenho na construção de um texto bem estruturado e com sentido, seguindo regras determinadas.

### Tarefas

1. São apresentados aos alunos nove grupos com três palavras em cada grupo - duas retiradas do texto «História sem palavras» e outra independente da narrativa (Anexo 3).
2. É pedido aos alunos que utilizem três desses grupos para construírem frases e que depois as organizem numa narrativa. A história deverá ter entre 60 a 80 palavras. O tempo para esta tarefa são 20 minutos.
3. Por fim, os alunos leem as suas histórias à turma.

### Atividade 3. Oralidade /Escrita

#### Competência: *Expressão oral*

#### Resultados Esperados

Produzir discursos orais corretos em português padrão, usando vocabulário e estruturas gramaticais diversificados e recorrendo a mecanismos de organização e de coesão discursiva.

#### Descritores de desempenho

#### Falar para construir e expressar conhecimento

- ✓ Planificar o uso da palavra em função da análise da situação, das intenções de comunicação específicas e das características da audiência visada.
- ✓ Utilizar informação pertinente, mobilizando conhecimentos pessoais
- ✓ Organizar o discurso, assegurando a progressão de ideias e a sua hierarquização.
- ✓ Produzir textos orais, de diferentes tipos, adaptados às situações e finalidades de comunicação:
  - exprimir sentimentos e emoções;
  - descrever;

**Competência: Escrita**

**Resultados Esperados**

Produzir textos em português padrão, recorrendo a vocabulário diversificado e a estruturas gramaticais com complexidade sintática, manifestando domínio de mecanismos de organização, de articulação e de coesão textuais e aplicando corretamente regras de ortografia e pontuação.

**Descritores de desempenho**

**Escrever para construir e expressar conhecimento(s)**

- ✓ Utilizar a escrita para estruturar o pensamento e sistematizar conhecimentos.
- ✓ Redigir textos coerentes, selecionando registos e recursos verbais adequados.

**Escrever em termos pessoais e criativos**

- ✓ Registrar para comunicar vivências, emoções, conhecimentos, pontos de vista, universos no plano do imaginário.

**Conhecimentos prévios**

Os alunos conseguem produzir um discurso oral estruturado sobre um tema proposto, respeitando determinadas condições (neste caso, a manifestação expressiva. Possuem já a capacidade de registar por escrito um texto oral, organizando o texto escrito que lhe corresponde de forma coerente.

**Guião para o professor**

Esta atividade tem dois objetivos. Por um lado, pretende-se que os alunos elaborem uma exposição oral sobre o seu bairro. O objetivo é o desenvolvimento da expressão oral como um meio para expressar conhecimentos, sentimentos e emoções. Por outro, que registem por escrito, de uma forma consistente e cuidada, a sua expressão oral e expressem a sua capacidade de projetar no futuro uma realidade que lhes está próxima.

**Tarefas**

1. Os professores, para facultar um exemplo aos alunos, expõem uma breve apresentação oral do seu bairro (Anexo 4). É pedido aos alunos que, à semelhança do exemplo dado, apresentem o seu bairro, ou a zona/área/rua... onde residem referindo as características que consideram relevantes. O tempo previsto para esta tarefa é de um minuto por aluno.
2. Em seguida, é pedido aos alunos que redijam um texto baseado na apresentação anterior e incluam um parágrafo que expresse como gostariam de ver o seu bairro (zona/área/rua...) daqui a dez anos. Os alunos dispõem de quinze minutos para realizar esta tarefa.

<b>Atividade 4. Gramática do texto/ discurso</b>
--

**Competência: Conhecimento Explícito da Língua**

**Resultados Esperados**

Mobilizar o conhecimento reflexivo e sistematizado para resolver problemas decorrentes da utilização da linguagem oral e escrita e para aperfeiçoar os desempenhos pessoais.

**Descritores de desempenho**

### **Plano Discursivo e Textual**

- ✓ Deduzir informação não explicitada nos enunciados, recorrendo a processos interpretativos inferenciais.
- ✓ Reconhecer propriedades configuradoras da textualidade:
  - coerência textual;
  - referência;
  - coesão textual.

### **Conhecimentos prévios**

Os alunos conseguem fazer inferências e reconhecer conectores discursivos (aditivos ou sumativos; conclusivos ou explicativos; contrastivos ou contra argumentativos) inerentes à progressão temática.

### **Guião para o professor.**

O professor distribui um texto com supressões aos alunos. As palavras retiradas, enumeradas numa lista à parte, correspondem a conectores e os alunos deverão completar os espaços de modo a obter um texto coeso, coerente e respeitando as devidas referências.

### **Tarefas**

1. O professor indica aos alunos o objetivo da atividade e entrega-lhes o texto com supressões (Anexo 5). Os alunos deverão ler o texto e depois preencher os espaços com as palavras fornecidas na lista à parte.
2. No final, os alunos deverão ler o texto, verificando se as respostas dadas estão de acordo com as regras de coerência e de coesão.

<b>Anexos</b>
---------------

1. Texto “História sem palavras”
2. Texto “História sem palavras” com supressões (verbos no infinitivo)
3. Esquema com blocos de palavras
4. Texto sobre o bairro da nossa infância/juventude
5. Texto com supressões (articuladores) extraído do conto «A galinha», de Vergílio Ferreira.

## Anexo 1

### História sem palavras

(texto original)

Desço a rua, entro no metropolitano, estendo à menina muda as moedas necessárias, aceito o retângulozinho que ela me fornece em troca, desço a escada, espero, paciente, que se aproxime o olho mágico da carruagem subterrânea. Ela chega, para, parte. Lá dentro, o silêncio do mar encapelado<sup>1</sup>, isto é, o de toda aquela ferragem barulhenta, som de não dizer nada. Na minha paragem saio, subo as escadas do formigueiro ou do túnel de toupeiras por onde andei. E sigo pela rua fora - outra rua -, entro numa loja. De cesto metálico na mão (estamos na era do metal) escolho caixas, latas e latinhas, sacos. Tudo aquilo é bonito, bem arranjado, atraente, higiénico, impessoal. A menina da máquina registadora recebe a nota, dá-me o troco. Ausente, abstrata. Verá sequer as caras que desfilam diante de si? Apetece-me dizer qualquer coisa, que o troco não está certo, por exemplo. Que me deu dinheiro a mais. Ou a menos. Mas não digo nada. As máquinas sabem o que fazem. As meninas das máquinas também.

Tenho, de repente, saudades do bilhete de não sei quantos tostões<sup>2</sup> que dentro de alguns anos deixará de se pedir em elétricos e autocarros a um funcionário com cara de poucos amigos, do merceeiro que não nos perguntará mais como estamos nós de saúde, e a família, pois claro. Saudades do tempo das palavras, às vezes insignificativas, de acordo, mas palavras.

Volto a casa com as minhas compras, higiénicas, atraentes e silenciosas. Sinto-me no futuro. Não gosto.

*Diário de Lisboa, 22-7-71*

Maria Judite de Carvalho, *Este Tempo (Crónicas)*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

1. *encapelado*: agitado, com ondas altas.

2. *tostão*: antiga moeda portuguesa.

## Anexo 2

### Atividade 1. Compreensão da leitura

Lê o texto com atenção. Depois, preenche os espaços com as formas verbais correspondentes ao verbo entre parênteses no infinitivo, mantendo a coesão e coerência temporais ao longo do texto. Tens dez minutos para realizar a tarefa.

## História sem palavras

Desço a rua, entro no metropolitano, estendo à menina muda as moedas necessárias, aceito o retângulozinho que ela me fornece em troca, desço a escada, espero, paciente, que se aproxime o olho mágico da carruagem subterrânea. Ela chega, para, parte. Lá dentro, o silêncio do mar encapelado<sup>1</sup>, isto é, o de toda aquela ferragem barulhenta, som de não dizer nada. Na minha paragem saio, subo as escadas do formigueiro ou do túnel de toupeiras por onde andei. E sigo pela rua fora - outra rua -, entro numa loja. De cesto metálico na mão (estamos na era do metal) escolho caixas, latas e latinhas, sacos. Tudo aquilo é bonito, bem arranjado, atraente, higiénico, impessoal. A menina da máquina registadora recebe a nota, dá-me o troco. Ausente, abstrata. Verá sequer as caras que desfilam diante de si? Apetece-me dizer qualquer coisa, que o troco não está certo, por exemplo. Que me deu dinheiro a mais. Ou a menos. Mas não digo nada. As máquinas sabem o que fazem. As meninas das máquinas também.

\_\_\_\_\_Tenho\_\_\_\_\_ (ter), de repente, saudades do bilhete de não \_\_\_\_\_sei\_\_\_\_\_ (saber) quantos tostões<sup>2</sup> que dentro de alguns anos \_\_\_\_\_deixará\_\_\_\_\_ (deixar) de se pedir em elétricos e autocarros a um funcionário com cara de poucos amigos, do merceeiro que não nos \_\_\_\_\_perguntará\_\_\_\_\_ (perguntar) mais como \_\_\_\_\_estamos\_\_\_\_\_ (estar) nós de saúde, e a família, pois claro. Saudades do tempo das palavras, às vezes insignificativas, de acordo, mas palavras.

\_\_\_\_\_Volto\_\_\_\_\_ (voltar) a casa com as minhas compras, higiénicas, atraentes e silenciosas. \_\_\_\_\_sinto\_\_\_\_\_ -me (sentir) no futuro. Não \_\_\_\_\_gosto\_\_\_\_\_ (gostar).

*Diário de Lisboa, 22-7-71*

Maria Judite de Carvalho, *Este Tempo (Crónicas)*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

1. *encapelado*: agitado, com ondas altas.

2. *tostão*: antiga moeda portuguesa.

## Anexo 3

### Atividade 2. Escrita

Lê os seguintes grupos de palavras. Escolhe apenas três desses grupos de palavras e redige com elas um texto com 60 a 80 palavras, no qual deves incluir a palavra 'bairro'. Pode ser uma pequena história real ou imaginada. Utiliza cinco palavras ou expressões da lista de conectores e procura que o teu texto tenha coesão e seja coerente. Dá-lhe um título, antes de o começares ou depois de o terminares. Redige um texto coerente, utilizando três destes blocos e cinco expressões da lista de conectores sugerida. Tens 20 minutos para realizar esta atividade.

#### Grupos de palavras

família  
palavras  
festa

mar  
silêncio  
som

caixas  
silenciosas  
religião

sol  
bilhete  
saudades

atraentes  
escadas  
pombas

máquinas  
mágico  
músico

livro  
merceiro  
saúde

elétrico  
impressoal  
azul

formigueiro  
paciente  
praia

#### Lista de conectores

em primeiro lugar, por isso, então, quando, a seguir  
que, embora, assim  
por fim, no entanto  
consequentemente  
por um lado/ por outro  
mas

## Anexo 4

### Atividade 3. Oralidade /Escrita

#### O meu bairro

Nasci e vivi a minha infância e adolescência no Montijo, uma vila na margem sul do Tejo. Nessa altura toda a gente se conhecia; se não me conheciam, conheciam os meus pais ou os meus avós, era como se o Montijo fosse o meu bairro. Não sei dizer se era bom ou mau, talvez não fosse bom, porque nunca gostei que se soubesse muito sobre mim e irrita-me profundamente que se invente quando não se sabe. É a grande desvantagem dos meios pequenos. Por outro lado, se estiveres em aflição ou se precisares de ajuda, tens sempre várias pessoas prontas a ajudar, como pude verificar numa situação com a minha avó e também em relação a pessoas conhecidas. No Montijo, eu fazia toda a minha vida sem ter de apanhar um único transporte e saía de casa, mesmo à noite, sozinha. Sempre fui para a escola, desde o primeiro ao décimo segundo ano, a pé e apenas com as minhas amigas; conforme passávamos pelas casas umas das outras, tocávamos a campainha e mais uma se juntava ao grupo.

Hoje, o Montijo é uma cidade na qual vivo e onde me lembro com carinho das pessoas da minha infância e adolescência, umas que já morreram, outras que andam por lá, como eu, no meio de outras tantas, completamente desconhecidas. Os meus filhos já não vão a pé para a escola e o meu cão não sai à rua sozinho, como o que eu tive em casa dos meus pais. Apesar de tudo, prefiro este Montijo mais impessoal, no entanto, mais livre.

Cristina Santos

## Anexo 5

### Atividade 4. Gramática do texto/Discurso

Lê o texto a seguir e preenche os espaços com os conectores que se encontram listados em baixo. Repara que uns funcionam no plano das frases e outros no plano do texto.

E daí foram recuando no tempo à procura das mentiras um do outro. Estavam já chegando à infância, \_\_\_\_\_ apareceu o meu tio. Minha tia passou-lhe a palavra e começou ele. \_\_\_\_\_ como a coisa agora era entre homens, meu tio cerrou os punhos \_\_\_\_\_ disse:

-Eu mato-o, eu mato-o.

Meu pai, que já devia estar cansado, ficou quieto, à espera que ele o matasse. E como ficou quieto, meu tio recuou uns passos, tapou os olhos com um braço e disse outra vez:

-Foge da minha vista \_\_\_\_\_ eu mato-te.

\_\_\_\_\_ olhou em volta à espera que o segurassem. E \_\_\_\_\_ calculou que tudo estava a postos para o segurarem, ergueu outra vez os punhos e avançou para o meu pai. \_\_\_\_\_ seguraram-no e meu tio estrebuchou a querer libertar-se para matar o meu pai. \_\_\_\_\_ lá o foram arrastando, \_\_\_\_\_ o meu tio se voltava ainda para trás, escabujando de raiva e de ameaça.

E chegada a coisa a este ponto, era a altura de se formarem partidos, como sempre que há uma razão para se formarem partidos. Velhos ódios, invejas e ciúmes vieram ao de cima para um ajuste de contas. No domingo seguinte, já com vinho a empurrar, houve mesmo facadas. O Corneta tinha com o Catrelha uma questão de águas de há séculos e aproveitou. Os partidos subdividiram-se assim em grupos pelo Catrelha e pelo Corneta. Foi quando o Bóia, que não gramava o Capador desde a história de um porco mal capado, adiantou na taberna que as galinhas possivelmente tinham sido trocadas por ele, que não gramava o meu tio desde uma história de mordomia do Mártir S. Sebastião. O Carapanta ouviu e foi dizer. Num outro domingo, e já entusiasmado de briol, o Capador pediu satisfações. Armou-se então um arraial cujo balanço deu três feridos com facadas, dois à paulada e um morto com um tiro de caçadeira. \_\_\_\_\_ toda a aldeia ficou em pé de guerra.

*Vergílio Ferreira, Contos*

#### Lista de conectores

quando (2 vezes)

e

que

mas (2 vezes)

finalmente

entretanto

enquanto

e desde então

### Correção

E daí foram recuando no tempo à procura das mentiras um do outro. Estavam já chegando à infância, quando apareceu o meu tio. Minha tia passou-lhe a palavra e começou ele. Mas como a coisa agora era entre homens, meu tio cerrou os punhos e disse:

-Eu mato-o, eu mato-o.

Meu pai, que já devia estar cansado, ficou quieto, à espera que ele o matasse. E como ficou quieto, meu tio recuou uns passos, tapou os olhos com um braço e disse outra vez:

-Foge da minha vista que eu mato-te.

Entretanto olhou em volta à espera que o segurassem. E quando calculou que tudo estava a postos para o segurarem, ergueu outra vez os punhos e avançou para o meu pai. Finalmente seguraram-no e meu tio estrebuchou a querer libertar-se para matar o meu pai. Mas lá o foram arrastando, enquanto o meu tio se voltava ainda para trás, escabujando de raiva e de ameaça.

E chegada a coisa a este ponto, era a altura de se formarem partidos, como sempre que há uma razão para se formarem partidos. Velhos ódios, invejas e ciúmes vieram ao de cima para um ajuste de contas. No domingo seguinte, já com vinho a empurrar, houve mesmo facadas. O Corneta tinha com o Catreilha uma questão de águas de há séculos e aproveitou. Os partidos subdividiram-se assim em grupos pelo Catreilha e pelo Corneta. Foi quando o Bóia, que não gramava o Capador desde a história de um porco mal capado, adiantou na taberna que as galinhas possivelmente tinham sido trocadas por ele, que não gramava o meu tio desde uma história de mordomia do Mártir S. Sebastião. O Carapanta ouviu e foi dizer. Num outro domingo, e já entusiasmado de briol, o Capador pediu satisfações. Armou-se então um arraial cujo balanço deu três feridos com facadas, dois à paulada e um morto com um tiro de caçadeira. E desde então toda a aldeia ficou em pé de guerra.

*Vergílio Ferreira, «A galinha», in Contos, 10.ª ed., Bertrand Ed., 2003 (adaptado)*